

RESENHAS

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i22.26594

BASTIAN, Jean-Pierre. *La Mutación Religiosa de América Latina: para una sociología del cambio social en la modernidad periférica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997. (Colección Popular n. 529)

Recebido em 13/05/2015 - Aprovado em 20/06/2015

A mutação religiosa da América Latina

José Reinaldo Felipe Martins Filho ¹

Refletir acerca da América Latina requer considerá-la em seu aspecto religioso. Se, de um lado, com a caravela de Colombo, o cristianismo desembarcou, pela primeira vez, nessas terras pós-atlânticas – aflorado por milhares de missionários católicos e protestantes que, de vários modos, trouxeram a crença cristã aos povos latinoamericanos – de outro, vigente nas práticas indígenas dos Astecas, dos Maias e de tantas outras civilizações que há muito habitavam esse “Novo Continente”, a experiência religiosa já havia imprimido ao povo que aqui se desenvolvesse uma de suas mais determinantes marcas identitárias. A América das cores, das tradições e da variedade cultural é a mesma da diversidade religiosa. Pensando a esse respeito, o atual diretor do *Centre de Sociologie des Religions et d’Ethique Sociale (CSRES)*, da Faculdade de Teologia Protestante da Universidade de Strasbourg, Jean-Pierre Bastian, elegeu, como foco para seu estudo, os multiformes horizontes da religiosidade latinoamericana, concentrando-se, sobretudo, na compreensão do protestantismo na América Latina e de sua articulação com outras vertentes e demonstrações religiosas – o pentecostalismo e o evangelicalismo, por exemplo. Trata-se de uma abordagem das novas matizes sociais da América Latina, que toma como ponto de partida a recomposição crítica da modernidade. Com efeito, sob o pretexto de compreender o sentido da religião para a sociedade contemporânea, a sociologia da religião se propõe a redefinir seu objetivo no interior das sociedades secularizadas. De sua parte, isso não pode ser concretizado partindo de um olhar provinciano de uma modernidade pensada a partir da Europa. Antes, devem-se pensar os limites da secularização e, quiçá, desenvolver aproximações comparativas entre Europa e América Latina.

¹ Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. Email: jreinaldomartins@gmail.com

Com vistas nesse plano de trabalho, entende-se, pois, o ambiente no qual *A Mutação Religiosa da América Latina* foi gerada. Seu maior diferencial consiste no modo como empreende uma investigação sobre a religiosidade latinoamericana. Partindo da evolução do campo religioso da América Latina, pretende elaborar uma sociologia das mutações religiosas, ou, como sugere em seu subtítulo, “pensar uma sociologia da mudança social na modernidade periférica”, para a qual a dinâmica de mutação é característica determinante. Observe-se, especialmente, o peso atribuído ao conceito de mudança/mutação como gênese para o desenvolvimento das análises sociológicas. Isso implicará, peremptoriamente, no andamento da investigação desenvolvida ao longo da obra. Dentre outros elementos, a mutação religiosa reflete aspectos alusivos ao campo social – meio (urbano/rural), economia, educação, formação cultural – e, também, à prática pastoral – metodologias de abordagem e de transmissão da fé, formação religiosa, impactos sobre a cultura local. Isso delinea um vasto horizonte de significados para a sociologia em geral e, particularmente, para a sociologia da religião. Enquanto ser de relações e mediações sociais, o homem é constituído pela religiosidade, que lhe afere novas perspectivas comportamentais, sobretudo nos ditames da ética. Isso repercutirá diretamente sobre sua interação com o grupo social ao qual pertence, reconfigurando o comportamento do próprio grupo. A questão da mobilidade, constituindo-se como uma das marcas mais profundas da modernidade, delinea um novo paradigma para a compreensão da religiosidade contemporânea. Para além disso, trata-se de uma das marcas mais evidentes do homem moderno, notada desde a instabilidade nas relações afetivas e a falta de compromissos duradouros até o não cumprimento de projetos assumidos em âmbito profissional, acadêmico, social.

O programa do livro se interessa, sobremaneira, por dois aspectos determinantes para a sociologia da religião, quais sejam: 1) a recomposição religiosa da modernidade tardia, mostrando que o declínio da religião institucional não é oriundo, exclusivamente, de uma proliferação de crenças, ativada pela inquietude generalizada procedente da rapidez pela qual a mudança social se estabelece 2) e a reconfiguração das condutas religiosas num contexto de globalização. A partir dessa justificativa, pode-se entender a perspectiva de comparação entre a Europa-América Latina, muito original na pesquisa francesa e que, portanto, segundo o autor, merece ser mantida. O aumento do pentecostalismo no último século tendeu à invalidação das teses, muitas vezes aceitas como auto-evidentes, que se referem a uma perda irredutível da influência religiosa na vida social. Numa corrente oposta, *A Mutação Religiosa da América Latina*, pretende ressaltar o papel determinante da religião no cotidiano das sociedades urbanizadas. Para isso, a análise tende a privilegiar outros modos de transformação que, atualmente, afetam a forma e a natureza da oferta em resposta a uma demanda religiosa, ou seja: as lógicas de mercado subjacentes às reconstruções em curso. Em que medida as organizações religiosas, em sua pluralidade, estão sujeitas à concorrência e, portanto, à lógica mercadológica de oferta e de procura? Os recursos midiáticos, em alguns casos, com influência marcante sobre o contexto atual – nessa fase de colapso das filosofias e

teologias da história – tornam-se ferramentas privilegiadas para uma análise da crescente tomada do espaço comunicacional contemporâneo pelas figuras carismáticas.

Segundo Jean-Pierre Bastian, apesar de múltiplos, os cenários religiosos que compõem o contexto latinoamericano trazem, em suas características, muitos pontos de intersecção. No que se refere aos elementos simbólicos, não existem traços de diferenças substanciais entre os seguidores da devoção à Virgen de Guadalupe, à Senhora Aparecida ou à Virgen de Regla y del Cristo Redentor de Copacabana, por exemplo. Todavia, a mutação religiosa estabelecida nos últimos quarenta anos e a instituição de novas denominações religiosas, particularmente após o advento do pentecostalismo na América Latina, parecem romper com a aparente homogeneidade predominante nos comportamentos e nas mentalidades religiosas dessa sociedade. Se, de um lado, rompe-se o monopólio religioso imposto pela Igreja Católica Romana, às vésperas de celebrar o quinto centenário de uma “evangelização totalizadora”, de outro o próprio campo religioso se apresenta fragmentado em dezenas de sociedades religiosas “rivais”, dispostas ao combate entre si. Segundo Bastian (1997, p.10), já não se trata da “antiga luta entre deuses pagãos e cristãos; é a luta entre divindades cristianizadas que fazem sua expressão libertária de um panteón em expansão sem limites”. Trata-se, pois, de um fenômeno radicalmente novo na história religiosa da América Latina, que, em muito, acompanha o desenvolvimento da economia autônoma. Esse outro cenário religioso, ao exemplo da economia, torna-se um verdadeiro meio de sobrevivência (tanto em nível material, quanto em nível simbólico). Estabelece-se um real campo de competitividade, não mais regulado pelo monopólio, mas, de outro modo, pela dinâmica da competência e do livre mercado religioso. Disso nasce o conceito de mutação e de cambio religioso, não somente instalado entre a Igreja Católica Romana e as demais denominações religiosas, mas em todas as direções possíveis, como num fluxo ininterrupto rumo ao que o autor denomina como um “universo religioso independente e em crescimento exponencial.”

Todas essas mudanças permitem falar de uma “mutação”, ou melhor, de uma transformação no campo religioso. Será essa mutação, propriamente dita, o objeto central da investigação do professor Bastian, que, desde a perspectiva de uma sociologia das minorias religiosas, também recorrendo aos estudos de caso, intenta responder várias interrogações relacionadas ao tipo de transformação que se está produzindo, a saber: as causas do mesmo, o seu ritmo, a sua intensidade, as manifestações ocasionadas, os efeitos produzidos na sociedade, dentre outras.

Uma das idéias centrais do livro gira em torno das dificuldades que a América Latina, devido à sua história, teve em aderir à chamada “modernidade”; noutros termos, à mentalidade moderna. O processo de modernização implica, entre outros elementos, o conceito de secularização. Todavia, esse fenômeno não chegou à América Latina concomitantemente às demais partes do mundo, sobretudo à Europa. De fato, ao transpor o Atlântico rumo às Américas, as forças do secularismo já estavam amenizadas, de modo especial quando se confrontavam com as tradições culturais da Igreja Católica. Segundo Bastian (*op.cit.* p.175), “seja como mediadora nos conflitos políticos ou como

principal opositora às medidas de modernização ética (aborto, divórcio, procriação) ou de secularização (escolas confessionais)”, a Igreja Católica jamais se isentou de influenciar a vida social. Somente em meados da década de 1950, a expansão do campo religioso poderia indicar que a América Latina estava em vias de conhecer, por fim, a modernidade religiosa. Ao mesmo tempo, na medida em que os amplos setores da sociedade latinoamericana se converteram ao “protestantismo”, poder-se-ia pensar que a região estaria seguindo o mesmo caminho adotado pela Europa protestante a partir do século XVI. Isso pode significar que a protestantização da América Latina estivesse trazendo, como consequência, a modernidade religiosa e, consigo, a consolidação de regimes verdadeiramente democráticos. Nada obstante, segundo o autor, tal observação se mostra prematura. Como observa Bastian, os novos movimentos religiosos, especialmente os chamados “evangélicos” e “pentecostais”, que são, provavelmente, os de maior número nessas terras, têm se interessado muito mais em conseguir adeptos que em contribuir para o surgimento e a consolidação de uma sociedade verdadeiramente democrática. Seus valores e objetivos se opõem, radicalmente, àqueles do protestantismo europeu do século XVI, e sua propagação cria um cenário religioso, de tal sorte, novo.

Jean-Pierre Bastian, ao assinalar as causas que considera necessárias para entender o auge de fenômenos como o do pentecostalismo na América Latina, indica, ao mesmo tempo, as razões pelas quais os novos movimentos religiosos carecem de um projeto alternativo em matéria social e política. Com efeito, segundo o autor, uma das principais causas que explicam o desenvolvimento dessas novas sociedades religiosas consiste na crise de identidade sofrida por amplos setores sociais – sobretudo os mais pobres – a partir dos processos de urbanização e industrialização. Em meio à indiferença generalizada e ao sentimento de exclusão social, essas castas encontram no discurso e no conteúdo dos novos movimentos religiosos – pentecostalismo e evangelicalismo – uma série de fatores que, de certo modo, resolvem seus mais profundos problemas existenciais: a solidariedade, a identidade e o reconhecimento graças à inserção do indivíduo dentro da comunidade. De outro lado, assinala Bastian, o crescimento desses movimentos também pode sugerir o descontentamento da tradicional hierarquia católica com aqueles que regulam o poder temporal, haja vista na crise dos partidos políticos e sua crescente perda de legitimidade: “convém perguntar-se se a expansão de seitas vivenciada pela América Latina entre os setores sociais de maior empobrecimento não é uma resposta a um sistema político fechado. A religiosidade pode servir, ao seu modo, para a construção de um espaço de organização em meio à indiferença geral que prevalece nesses setores empobrecidos, como também para a ampliação desse espaço de impugnação [...]. Pelo menos pode proporcionar a estruturação de novos recursos organizativos de negociação com o poder político em curso” (*op.cit.* p. 93).

Enquanto, aparentemente, os novos grupos religiosos parecem responder a determinados problemas de seus fiéis, vale notar que, em sua constituição, trazem elementos não muito inovadores para a história da América Latina. Com efeito, Bastian destaca que os novos movimentos religiosos, particularmente o pentecostalismo, adotam

elementos tanto das religiões tradicionais quanto das estruturas de poder características da América Latina: “as práticas pentecostais se inscrevem, todavia, no universo das religiões latinoamericanas ao resgatar as práticas chamânicas reformuladas na tríplice expressão glossolálica, taumatúrgica e exorcista. Os demônios e os espíritos malignos estão bem integrados em seu discurso simbólico, na medida em que a figura de Cristo que resgatam é a do tirador de demônios e do milagreiro. De igual maneira, do *corpus* bíblico selecionam o fenômeno mais próximo da oralidade, a tradição de pentecostes [...]. Neste sentido, os pentecostalismos são os continuadores de uma tradição religiosa oral latinoamericana” (*op.cit.* p.193). Da mesma maneira, a nível político, o pentecostalismo também se inscreve em uma linha de continuidade com os sistemas tradicionais, pois, segundo Bastian, os novos partidos políticos confessionais nascem em contextos favoráveis às relações clientelistas, hierárquicas e de patronato. Com efeito, para implantar sua consolidação e a legitimidade de seu discurso, esses partidos se inscrevem na mesma classe da política tradicional, reproduzindo, também em suas entranhas, o clientelismo, a exclusão e a intolerância. Para o autor, apesar de que as condições políticas e socioeconômicas permitiram explicar as conversões ao pentecostalismo, esses movimentos, longe de romper com esse sistema tradicional, reproduzem o mesmo modelo ostentado e defendido tanto pelo Estado, como pela Igreja Católica, cujas principais características são: 1) a representação corporativista (negação do sujeito), 2) a hierarquização (ausência de igualitarismo) e 3) o autoritarismo (ausência de consenso e de participação). Nada oferecem para a construção da democracia (cf. *op.cit.* pp.170-171).

Para concluir, observe-se que as análises desenvolvidas em *A Mutações Religiosas da América Latina*, além de se estabelecerem como importante ferramenta na compreensão do cenário religioso que compõe a América Latina das últimas décadas, estende sua influência sobre a compreensão da própria sociedade latinoamericana, seus sistemas simbólicos de relações interpessoais e sua organização política. Para além das possibilidades de interpretação ressaltadas pela obra, convém situar que as transformações instauradas no campo religioso da América Latina também implicam certos limites. Trata-se de uma mutação, caso seja referida a partir da clara divisão entre a Igreja Católica e os novos grupos religiosos. Todavia, o sentido de mutação aqui abordado não permite afirmar, graças a essas mudanças, que a América Latina tenha finalmente se inscrito na modernidade. Com sua abordagem, simultaneamente, intrigante e iluminadora, Jean-Pierre Bastian nos motiva a uma aprofundada revisão da estrutura social da América Latina, único modo de entender sua adesão ou renúncia à modernidade tardia. Antes de uma conclusão, trata-se de um trabalho porvir.